

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175- 974X

**criação em processo+
creation in processes**
sem 2 - 11

Como citar este texto: CAVALCANTI, V. P.; ANDRADE, A. M. Q.; SILVA, G. D. A. Modos de fazer: uma experiência em processo de criação compartilhado e modelo de atuação transdisciplinar na relação entre *design* e artesanato. **V!RUS**, São Carlos, n. 6, dezembro 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus06/?sec=4&item=7&lang=pt>>. Acesso em: 00 m. 0000.

Modos de fazer: uma experiência em processo de criação compartilhado e modelo de atuação transdisciplinar na relação entre *design* e artesanato

Virginia Pereira Cavalcanti, Ana Maria Queiroz de Andrade e Germannya D´Garcia A. Silva

Virginia Pereira Cavalcanti é Designer e Doutora em Estruturas Ambientais e Urbanas. Professora adjunta do curso de Design e do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Líder do Grupo de Pesquisa Design, Tecnologia e Cultura do CNPq e do Laboratório de pesquisa/extensão O Imaginário (UFPE).

Ana Maria Queiroz de Andrade é Arquiteta e Mestre em Educação. Professora adjunta do curso de Design da Universidade de Pernambuco (UFPE) e Coordenadora do Laboratório de pesquisa e extensão O Imaginário (UFPE). Membro do Grupo de Pesquisa Design, Tecnologia e Cultura do CNPq. Pesquisa a gestão de design-ambientes artesanais.

Germannya D´Garcia A. Silva é Designer e Mestre em Engenharia de Produção. Professora do Núcleo de Design - Campus Acadêmico do Agreste e membro do Laboratório O Imaginário, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisa a relação dos materiais com o planejamento e configuração dos artefatos e a relação do Design com Ergonomia.

Resumo

No final do século XX uma crescente corrente de designers¹ voltou sua atenção para os graves problemas sociais que se multiplicavam: pobreza, exclusão social, violência. Os desafios dessa sociedade complexa impuseram uma crítica reflexão sobre os processos de criação, e um cenário especialmente desafiador impactou a relação estabelecida entre *designer* x artesão² x

¹ [...] *design* é atividade criativa, que tem o objetivo de estabelecer múltiplas qualidades a objetos, processos, serviços e sistemas por todo o seu ciclo de vida. Contudo, *design* é o fator central da **inovação humanizadora** de tecnologias e um fator crucial para a **troca cultural e econômica**. ICSID – International Council of Societies of Industrial Design (2007). Se o *design* tem seu surgimento ligado à dissociação entre o projetar e o executar [tarefa delegada à indústria, que se especializou na produção repetitiva, rápida e massiva, hoje se percebe uma reaproximação do executor original: o artesão]. Victor Papanek, Tomás Maldonado, Gui Bonsiepe são exemplos de designers que dedicaram atenção ao papel social do design, cujos trabalhos tiveram repercussão na América Latina e no Brasil, principalmente nos anos 80. A relação design /artesanato foi estimulada, a partir dos anos 90, no Brasil, por programas e políticas governamentais que podem ser exemplificados pelo Programa O Artesanato Solidário, Programa de Artesanato do SEBRAE que envolveram designers e atuaram em diversas regiões do país.

² O artesanato está entre as primeiras formas de ação do homem sobre o meio ambiente e sobre si mesmo. É com as mãos que ele começa também a se construir e a se inventar como ser humano. Isso, porque, por incrível que pareça - o homem não nasce humano, ele se torna humano, pelo trabalho, pela inteligência (GULLAR, 2000, p. 20).

artefato. Entre o dilema de dialogar com tradição e inovação, autoria e criação coletiva, o *design* foi impelido a buscar novos modos de fazer para atuar junto a comunidades e grupos produtivos. O Laboratório O Imaginário vivenciou esses desafios e, desde 2001, experimenta um modelo de atuação transdisciplinar³ balizado pelos eixos: *design*, gestão, comunicação, produção e mercado e com foco na qualidade e sustentabilidade⁴. Construído a partir de uma abordagem dialética, as premissas do modelo abrangem o reconhecimento dos atores e fazeres locais, o entendimento dos valores culturais e das potencialidades socioeconômicas e ambientais locais. O objetivo deste artigo é descrever o processo de criação compartilhado pelo Laboratório O Imaginário e o grupo artesanato – Cestaria Cana-Brava, pontuando as principais transformações vivenciadas na sua trajetória, desde sua criação em 2003, a partir das dimensões ligadas à organização, artefatos, materiais e processos. O relato dessa experiência aponta para o desenvolvimento compartilhado dos artefatos, a construção de projetos coletivamente, a valorização das referências e memória do local, a autonomia dos grupos e o fortalecimento da rede de parceiros.

Palavras-chave: processos de criação; *design*; artesanato; cultura.

Introdução

As políticas de inclusão social no Brasil adotam práticas que, mesmo necessárias, são insuficientes para garantir mudanças da condição social de comunidades produtoras de artesanato. As tentativas para integrar esses grupos no mercado de trabalho falham principalmente nas regiões menos favorecidas, onde os governos atuam como a principal fonte de geração de emprego.

Na contra mão dessa realidade e considerando a tradição cultural e turística do Nordeste, é possível afirmar que dentre as cadeias produtivas, o artesanato tem demonstrado elevado potencial para geração de renda. Pesquisas indicam que cerca de 3.3 milhões⁵ de nordestinos estão envolvidos nesta atividade, e neste sentido, é possível apontar o artesanato como uma

³ Transdisciplinaridade é uma abordagem científica que visa à unidade do conhecimento. Desta forma, procura estimular uma nova compreensão da realidade articulando elementos que passam entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão da complexidade (ROCHA FILHO, 2007).

⁴ Sustentabilidade aqui é compreendida de acordo com as premissas defendidas por Manzini, (O desenvolvimento de produtos sustentáveis) que aponta quando a proposta é um cenário de sustentabilidade, o entendimento deve ser que a dimensão econômica está pautada na idéia de durabilidade no tempo. Neste sentido, o empreendimento deve ter características que, nas suas relações com o mercado, assegurem sua permanência. As orientações para a viabilidade econômica de uma sociedade sustentável fundamentam-se nas condições necessárias para sua sobrevivência, e assim, a relação entre custo e benefício das práticas produtivas e de consumo deve ser equilibrada para alcançar padrões sustentáveis. A sustentabilidade social e cultural pretende a melhoria da qualidade de vida, à redução das desigualdades e injustiças sociais e à inclusão social por meio de políticas de justiça redistributivas. Como pano de fundo, a questão ambiental deve ser considerada no sentido de permitir que o ecossistema tenha capacidade de absorver ou se recuperar das agressões derivadas das atividades humanas. Assim, alcançar um novo equilíbrio entre as taxas de emissão ou produção de resíduos e as taxas de absorção ou regeneração da base natural de recursos (MANZINI; VEZZOLI, 2005).

⁵ Ações para o desenvolvimento do artesanato do Nordeste. Banco do Nordeste. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002, p. 09.

importante alternativa para fomentar políticas de geração de trabalho e assim, configurar possibilidades sustentáveis de inclusão social.

A relação entre *designers* e artesãos aparece, nesse cenário, como uma oportunidade valiosa de estabelecer a troca de conhecimentos em diversos aspectos, que envolvem desde a construção de um projeto coletivo até a geração de negócios. Para os *designers*, possibilita a experimentação de conceitos e processos de *design*, especialmente os de criatividade para desenvolvimento de artefatos voltados a produção artesanal, descolados da produção industrial e com alto valor agregado e, para os artesãos, permite a oportunidade de transformação social traduzida pelo aumento na qualidade de vida dessas comunidades; desde que pautada sobre uma relação respeitosa entre tradição e inovação.

A experiência do Laboratório O Imaginário da Universidade Federal de Pernambuco em comunidades produtoras de artesanato tem permitido a organização de grupos produtivos, o desenvolvimento de artefatos, a melhoria do processo produtivo e articulação de parcerias que criam as oportunidades de inserção no mercado consumidor para artesãos e jovens de maneira sustentável.

Este artigo descreve o processo de criação compartilhado pelo Laboratório O Imaginário e o grupo artesão - Cestaria Cana-Brava, pontuando as principais transformações vivenciadas na sua trajetória, desde sua criação em 2003, a partir das dimensões ligadas à organização, artefatos, materiais e processos. O relato dessa experiência aponta para o desenvolvimento compartilhado dos artefatos, a construção de projetos coletivamente, a valorização das referências e memória do local, a autonomia dos grupos e o fortalecimento da rede de parceiros.

A estrutura do relato apresenta, inicialmente, o Laboratório O Imaginário, sua missão e ritual de chegada às comunidades, e o grupo artesão Cestaria Cana-Brava de Pontas de Pedra, município de Goiana-PE, sua história e contexto cultural. A seguir, uma reflexão sobre a descrição da construção do processo de criação compartilhado através da análise da trajetória do grupo pontuada pelos aspectos mais significativos em cada uma das dimensões: organização, artefato, materiais e processos.

O Laboratório O Imaginário nas comunidades artesanais

O Imaginário é um laboratório de pesquisa e desenvolvimento em *design* de caráter multidisciplinar⁶, formado por professores, estudantes e técnicos de diversas áreas do

⁶ Multidisciplinaridade é um conjunto de disciplinas a serem trabalhadas simultaneamente. Uma equipe multidisciplinar é um grupo com diferentes especializações funcionais que trabalham para alcançar um objetivo comum (MENEZES; SANTOS, 2002, p. 90). O laboratório O Imaginário atua com uma equipe multidisciplinar, uma vez que é composta por membros de diversas áreas do conhecimento, mas que trabalham balizados por um modelo de atuação transdisciplinar, já que os conhecimentos se articulam em função da compreensão e da resolução de problemas reais.

conhecimento, que atuam com foco no design como instrumento a serviço da sustentabilidade ambiental, econômica e social. É o resultado da evolução de projetos de pesquisa e extensão, que somavam esforços para a inserção do *design* tanto no âmbito industrial quanto artesanal.

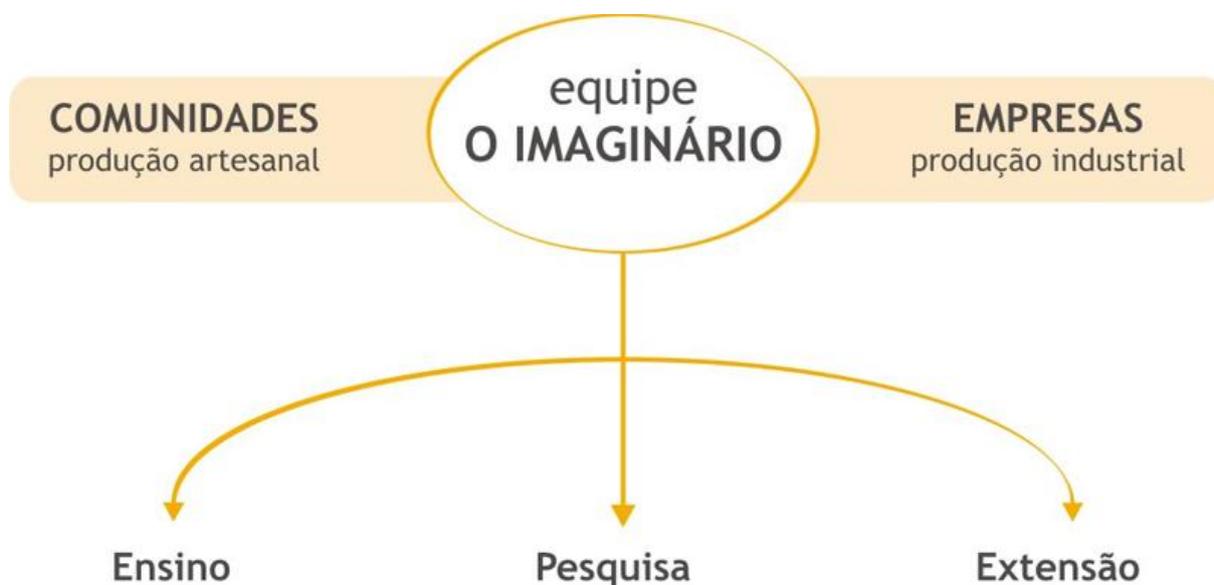


Figura 1. Esquema gráfico da estrutura de atuação do laboratório O Imaginário. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2011.

Quando direcionado à produção artesanal, as ações do laboratório visam contribuir para firmar a atividade artesanal enquanto meio de vida sustentável, através de intervenções que respeitem os valores culturais das comunidades produtoras de artesanato. No âmbito industrial, as ações do laboratório objetivam fortalecer a articulação da Universidade com o setor produtivo, visando à troca de informações entre academia e empresas, ampliando as possibilidades de atuação dos *designers* no Estado e contribuindo para ampliar as possibilidades de inserção de novos designers no mercado de trabalho local.

Ao longo de sua atuação, desde 2000, o O Imaginário Pernambucano vivenciou o uso de diversos materiais e técnicas produtivas em diferentes grupos artesãos. Essa experiência permitiu o desenvolvimento de estratégias que demonstraram ser eficazes tanto para a geração de trabalho e renda quanto para a promoção da inclusão social e do desenvolvimento sustentável, com ampla capacidade de replicação em variados grupos populacionais.



Figura 2. Mapa de Pernambuco e indicação das localidades de atuação do Imaginário. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2011.

Em linhas gerais, o modelo transdisciplinar desenvolvido pelo Laboratório O Imaginário tem sido utilizado em comunidades com perfis diferentes e com diversos estágios de organização e mobilização social. Pautada em princípios éticos que respeitam e valorizam a cultura local, a ação do Imaginário busca promover a autonomia dos grupos trabalhados, e para tal, estimula a interlocução de diversas áreas do conhecimento a partir de uma reflexão e discussão pautada na realidade, e aplicação na construção de projetos coletivos.

Nesse sentido, é possível refletir sobre o entendimento de criatividade a partir dos aspectos do modelo utilizado. Partilhando diversos olhares e, por isso, rico em soluções, o modelo perpassa cinco eixos norteadores e mobiliza recursos humanos e financeiros para promover a inclusão social. Cabe esclarecer, no entanto, que a representatividade desse Laboratório se dá por diversos aspectos, dentre os quais, alguns são descritos por Andrade (et al., 2006) ao afirmar que:

A atuação do Imaginário apóia-se [...] em um modelo participativo, a partir do entendimento de que as artesãs e artesãos são sujeitos de suas práticas; coletivo, por meio do incentivo à construção de acordos coletivos e ao reconhecimento de lideranças; individualizado, através do reconhecimento de habilidades e competências dos envolvidos; crítico, na medida em que leva artesãs e artesãos a refletir sobre seu próprio fazer artístico; e contextualizante, já que a intervenção está calcada nas necessidades, nos desejos e no respeito aos valores de cada comunidade artesã (ANDRADE et al., 2006, p. 30).

O modelo do Laboratório no ambiente artesanal encontra-se em constante adaptação, "sendo ajustado mediante o "feedback" das ações implementadas" (ANDRADE et al., 2006). Isso significa dizer que o modelo traz, em sua essência, um processo de reavaliação constante que é resultado das experiências vivenciadas no cotidiano da atuação do Laboratório junto aos grupos artesãos. É ainda orientado segundo "eixos que geram estratégias capazes de mobilizar recursos (humanos e financeiros) e de promover a inclusão social" (id), tanto dos membros do grupo trabalhado e, em certos aspectos, da própria comunidade.

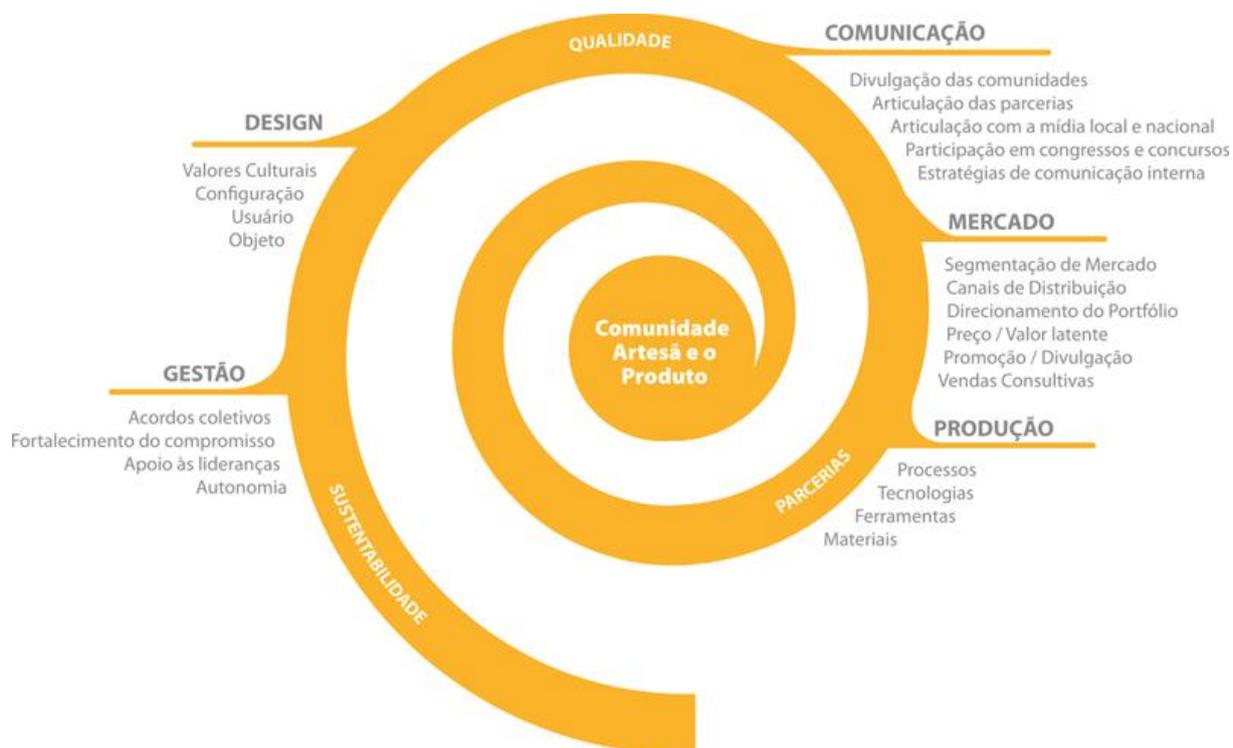


Figura 3. Representação gráfica do modelo de atuação do Laboratório O Imaginário | ambiente artesanal. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2011.

A representação gráfica do modelo tem como foco central a comunidade artesã e o seu produto que se articula com os demais eixos, e está pautada pela qualidade, sustentabilidade e parcerias. Esse foco se justifica porque contribuir para mudar a condição de vida das comunidades artesanais faz parte da missão do Imaginário, o que só pode acontecer, dentre outras coisas, mediante a sustentabilidade econômica desses grupos produtivos, daí sua necessária vinculação ao produto.

No modelo apresentado, o eixo *design* encarrega-se de criar e desenvolver, de forma compartilhada, peças a partir da valorização do saber popular, reconhecimento das tradições, habilidades e uso dos materiais, juntamente com formas, texturas e cores que refletem os valores culturais e sociais das comunidades.

No eixo comunicação, são geradas informações e estratégias capazes de sensibilizar e mobilizar a opinião do consumidor para o valor do artesanato. Essas estratégias vão desde a divulgação na mídia à participação em concursos locais e nacionais, além da comunicação dos grupos com os poderes locais.

Em relação à gestão, as ações promovem a formação, articulação e fortalecimento de grupos com base na construção de acordos coletivos. No mesmo sentido, os relacionamentos com os diversos atores e instituições no entorno local são incentivados, a partir da replicação dos conceitos de respeito e transparência nas relações. O reconhecimento e o apoio às lideranças visam conscientizar o grupo artesão para o valor do seu trabalho e de sua autonomia.

Associar as potencialidades dos grupos de produtores às demandas de segmentos específicos de consumidores é o foco das ações do eixo mercado. Pesquisas são realizadas no sentido de identificar esses segmentos específicos de mercado capazes de reconhecer o valor agregado ao produto do artesanato e garantir uma remuneração justa que possibilite a continuidade do fazer artesanal. A ideia é possibilitar um diálogo respeitoso entre produtor-cliente que assevere o ritmo de vida e o processo produtivo dos grupos artesãos.

No que se refere à produção, o Laboratório trabalha com o respeito ao ritmo de vida das comunidades ao mesmo tempo em que otimiza os processos produtivos, melhora as condições de trabalho e o uso sustentável dos recursos naturais. Nesse caso, a inserção de novas tecnologias e ferramentas tanto garante a qualidade do fazer artesanal com mais segurança e menores custos humanos, como também, agrega valor ao produto.

Construir novos cenários para a atividade artesanal e que permitam o estabelecimento de um estilo de vida sustentável tem sido a grande meta do Imaginário. Os caminhos percorridos junto à comunidade de Ponta de Pedras serão apresentados a seguir a partir de relatos que compreendem a trajetória do grupo de artesãos, formado em 2003.

Ritual de chegada às comunidades: criando um ambiente favorável para a criatividade

As ações em comunidades são tratadas pelo Imaginário na forma de uma rede social, onde os grupos estão montados em "sua própria visão de mundo, ou seja, sua história os conduziu à forma de organização social, trabalho e modos de relacionamento tanto internos, quanto externos" (TABOSA, et al., 2007, p. 15). Compreender a forma de organização da comunidade, como funciona sua rede de vínculos é o ponto de partida para a construção do ambiente de troca entre a equipe do Laboratório O Imaginário e a comunidade artesã.

O reconhecimento dessa realidade tem início por meio de visitas, reuniões e conversas formais ou informais com artesãos, representantes da comunidade e parceiros. A participação do artesão é sempre voluntária e a tipologia do artesanato, em geral, já está definida pela própria comunidade, ora em função da matéria-prima ou do domínio que a comunidade tem de uma determinada técnica. Uma vez constituído o grupo são firmados acordos coletivamente.

A primeira ação, normalmente, é direcionada para a construção do projeto coletivo. A criação desse espaço para a discussão dos desejos e das possibilidades são estímulos para a mobilização e comprometer futuros. É nesse primeiro momento que os membros do grupo se expressam e compartilham visões de futuro. A partir do desenho do projeto coletivo é elaborado o planejamento estratégico, utilizando técnicas de trabalho em pequenos grupos e discussões colegiadas. A definição das ações, a partir do planejamento estratégico, irá configurar o plano de trabalho.

É com base nesse plano que os papéis e funções são estabelecidos e, muito embora pareça simples, é uma etapa bastante delicada, quando ficam expostas as contradições e conflitos do grupo, expressas em dificuldades de cumprimento de prazos, ausência nas reuniões, ou mesmo, na disputa por poder. Cabe aos atores envolvidos, compreender e mediar diferentes situações de conflito, com o objetivo de facilitar a realização do projeto coletivo, o fortalecimento das lideranças e incentivo para que o grupo busque a sua autonomia. No caso do Laboratório O Imaginário, o protagonismo da liderança foi de fundamental importância para a mediação desses conflitos e a manutenção de um projeto coletivo.

A construção de um ambiente favorável é fundamental para o sucesso de atividades específicas como, por exemplo, as capacitações técnicas ou desenvolvimento de produtos. Compreender o conceito de qualidade, fazer autocrítica do seu desempenho individual em função do acordo coletivo, negociar soluções inovadoras dependem desse ambiente favorável, cuja importância pode ser observada pela dedicação traduzida em visitas semanais da equipe do Imaginário às comunidades artesãs. Essa é uma forma de organizar o processo de acompanhamento e ao mesmo tempo compreender atitudes, costumes e os modos de resolver problemas, que se apresentam no uso da matéria-prima, nos modos de produção e no desenvolvimento de produtos.

O desenvolvimento de novos produtos é feito sempre junto com o artesão, estabelecendo uma prática de criação coletiva e compartilhada. Nesse ambiente, identificar preferências e tirar partido das habilidades individuais pode ser uma estratégia para fortalecer o coletivo.

Ponta de Pedras: da pesca à cestaria - história e contexto cultural

A praia de Ponta de Pedras está localizada em Goiana, na zona da Mata Norte de Pernambuco, a 65 quilômetros de Recife. Ao tempo da colonização, Goiana era habitada pelos índios Caetés e Tabajaras, e pertencia à antiga Capitania de Itamaracá. Desde a instalação dos primeiros engenhos de açúcar, ainda na primeira metade do século XVI, o contato entre diferentes etnias marcou a cultura local. Assim é que, ao território outrora habitado apenas por nativos indígenas, sobreveio outro, transformado pelo trabalho do escravo africano e do branco colonizador (ANDRADE et al., 2006, p. 88).

Por se tratar de área de praia, Ponta de Pedras tem na pesca uma das principais fontes de emprego e renda. Foi a partir da fundação da colônia "Z-3"⁷, que pescadores da região

⁷ Colônia de Pescadores fundada em 1931, a Z-3 abriga cerca de 800 associados, unidade de beneficiamento e comercialização de pesca em Goiana - PE.

consolidaram a atividade com o uso de covos⁸, equipamento necessário para a prática da pesca artesanal e que é repassado de pai para filho.



Figura 4. Confeção do covo de pesca em Ponta de Pedras. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2011.

A matéria-prima utilizada na confecção dos covos é a cana-brava, uma espécie de bambu, encontrada abundantemente na região. A partir das visitas técnicas, observações e entrevistas com os moradores, artesãos, pescadores e agricultores da região foi possível perceber algumas características interessantes da planta.

O processo de extração da cana-brava é feito manualmente através de um corte transversal a aproximadamente 25 cm do chão, sem a remoção da raiz. Com isso, em apenas 03 meses a área extraída pode voltar a ser cortada, sem danos para a sustentabilidade da espécie. A cana-brava não possui período de restrição para extração, sendo possível seu fornecimento o ano inteiro. A adaptação da espécie ao mangue e seu crescimento rápido favorecem o abastecimento da produção.

A planta é composta por uma superfície externa e ciliada, denominada casca, uma camada interior onde se encontra a fibra, de superfície lisa, rígida e de aspecto encerado, por fim, um composto interno, chamado "miolo". Todo material extraído da planta pode ser utilizado: o pendão possui uso decorativo, a fibra é utilizada para fazer esteiras, covos, cercados, além da cestaria. Para a confecção dos produtos faz-se necessária a utilização de secções das fibras, denominadas paletas. Já o miolo pode ser utilizado para confecção de papel artesanal.

⁸ A pesca dos covos é uma das artes de pesca tradicionais. Os covos são um tipo de armadilha utilizado na pesca de lagostas e polvos da região.



Figura 5. Processo de extração e beneficiamento da fibra de cana-brava. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2011.

Trajетória do Grupo: Organização

A cana-brava faz parte da história do local desde os primeiros habitantes, e até hoje, o seu trançado é utilizado para confecção de covos e cestas; ainda assim, esta habilidade encontrada na comunidade era pouco explorada como geração de trabalho e renda. No local, apenas dois mestres artesãos utilizavam a matéria-prima para a produção de cestas.

A identificação das potencialidades da matéria-prima e do contexto socioeconômico da comunidade despertou o interesse do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Pernambuco (SEBRAE|PE) que, compreendendo que a localidade dispõe de pouca oferta de empregos e serviços e, que a pesca artesanal é a principal fonte de renda, além de ter uma população de jovens e mulheres que sofrem com a falta de oportunidades, articulou com a Universidade, por meio do Imaginário, uma ação focada para a organização de um grupo produtivo.

Essa realidade motivou a criação de um grupo, formado predominantemente por mulheres, algumas com experiência junto aos dois mestres artesãos, outras voltadas exclusivamente a atividades domésticas, e constituiu o grupo de Cestaria Cana-Brava.

No início, a atuação do laboratório O Imaginário em Ponta de Pedras foi baseada em três focos: primeiro, a formação de um grupo para produção artesanal; segundo, a capacitação desse grupo na técnica de cestaria com trançado em fibra de cana-brava; e terceiro, o desenvolvimento de novos produtos a partir desse trançado.

O momento inicial de organização do grupo teve como elemento agregador à capacitação na técnica do trançado em cana-brava e a oportunidade de geração de trabalho e renda com a

possibilidade de gerir o próprio negócio. Essa perspectiva de futuro foi fundamental para a continuidade do grupo, já o movimento de interlocução entre os seus membros, foi gradativamente estabelecendo as nuances de um projeto coletivo.

A formação do grupo fomentou também o surgimento de lideranças que foram legitimadas pelas competências de negociar acordos e produzir o artesanato. O papel desempenhado pela líder foi, sob todos os aspectos, decisivo para a configuração do laboratório O Imaginário especialmente, durante o processo de organização interna do grupo que sofreu oscilações em decorrência de fatores como a instabilidade de permanência de seus membros e a dificuldade de apoio financeiro. Hoje o laboratório O Imaginário é referência para novos grupos nas proximidades de Ponta de Pedras, como por exemplo, o grupo Quilombolas de São Lourenço.

Processo de Criação Compartilhado: artefatos

O processo de criação compartilhado é nesse caso, caracterizado, sobretudo, pela troca de saberes entre designers e artesãos. Relação que se fundamenta na confiança entre os envolvidos e no respeito às diferenças entre o saber projetar e o saber fazer.

Na natureza da atividade artesanal está evidente a criação de objetos, assim é que o colocar a mão na massa é de imediato demandado pelos artesãos. No entanto, o cuidado no reconhecimento dos valores locais, da potencialidade individual e dos limites tecnológicos demanda um momento maior de interação.

A partir de encontros semanais entre designers e artesãos, as informações são compartilhadas, alimentando um ambiente de experimentos e aprendizado. Erros e acertos são discutidos e re-elaborados de forma transparente e a cada reunião, quando novas necessidades apontam, o processo toma novos direcionamentos.

Conversas informais trazem grandes descobertas. Sem perder suas referências locais, mas comprometidos em construir um diálogo entre tradição e inovação, os artesãos são estimulados a conhecer novos universos. O processo de criação compartilhado envolve, nesse caso, o convite a comunidade artesã para olhar a si mesma e o seu entorno. E ir além, ampliar o repertório, estimular o olhar e a criatividade. Para tal, são realizadas oficinas para o desenvolvimento de artefatos cujo conteúdo inclui o reconhecimento imagético da produção de artistas, *designers* e outros artesãos de todo o mundo que trabalham as mesmas tipologias ou matérias-primas similares.

Para isso, são realizadas visitas à exposições nacionais e internacionais, à feiras de artesanato e *shopping centers*. O contato com essas realidades instiga a criatividade do grupo e traz inquietações que contribuem para o processo de criação compartilhando referências locais e potencialidades individuais. Na prática, os refinamentos de forma, proporção e acabamentos

são resultados obtidos por meio de discussões ampliadas, quando artesãos e designers juntos, avaliam e propõem alterações, que aumentam a percepção de valor agregado do produto no mercado.

No desenvolvimento de produtos também são consideradas novas possibilidades de uso com o objetivo de agregar mais valor e atingir novos mercados com maior poder de compra. Dessa maneira, aproxima-se a relação entre a capacidade de produzir e as demandas de mercado de forma a promover uma lógica de consumo responsável, associada ao perfil do consumidor que se identifica com os princípios do Comércio Justo⁹. Este “consumidor busca produtos de maior valor social agregado, (...) e que por identificar-se com o produtor, deseja contribuir para uma causa em que acredita” conforme SEBRAE (2007, p.18).

Assim, as novas peças consomem um tempo de produção e quantidade de matéria-prima inferior ou compatível com outras executadas anteriormente e proporcionam uma remuneração melhor. Consolidar o respeito ao ritmo de produção do grupo observando condições humanas de trabalho, compatibilizando as habilidades e experiências de cada uma das artesãs, é um quesito que provocou três consequências positivas na inserção de produtos novos.

Primeiro, o compromisso das artesãs para atingir melhores resultados a cada novo experimento; segundo, a relação de reciprocidade entre artesãos e designers na solução de problemas projetuais; e terceiro, a disponibilidade de aceitar desafios buscando aprimoramento técnico para viabilizar a concretização de novas ideias.

Um exemplo da busca de soluções projetuais foi o desenvolvimento de produtos alternativos à cestaria, provenientes de regiões do continente asiático, de alta qualidade técnica e baixo preço de mercado. A aplicação da trama utilizada na Cestaria Cana-Brava em luminárias, revisteiros, entre outros produtos, permitiu o distanciamento da estratégia de concorrência agressiva no fator preço e propôs novos usos, abrindo mercado para o artesanato do local.

⁹ “Comércio Justo é uma parceria comercial baseada em diálogo, transparência e respeito, que busca maior equidade no comércio internacional. É uma modalidade de comércio que contribui para o desenvolvimento sustentável por meio de melhores condições de troca e da garantia dos direitos para os produtores e trabalhadores marginalizados – principalmente do Sul.” Definição durante a Conferência anual da IFAT (International Federation of Alternative Trade, 2001).



Figura 6. Luminária – exemplo de artefato desenvolvido por processo de criação compartilhado e alternativa de artefato a cestaria. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2007.

A associação do produto ao seu contexto histórico e social, por meio de marca, folders e embalagens, também possibilitou a aproximação com o cliente, contribuindo para o aumento da percepção do caráter simbólico do produto. Esse aspecto potencializou o aumento na percepção de valor do produto e permitiu uma remuneração baseada num preço justo, mantendo o ritmo de produção do grupo e indo de encontro à postura de superprodução para aumento de oferta e diminuição de preço.



Figura 7. Marca do grupo produtivo Cestaria Cana-Brava. Fonte: arquivo do Laboratório O imaginário, 2007.

Outro exemplo de estímulo ao processo criativo compartilhado pode ser observado pela necessidade de integração com outros grupos locais. Ao grupo de cestaria, ao longo do tempo, agregaram-se o grupo da Terceira Idade e os jovens que trabalham com arte-educação e produção do papel artesanal.

A constituição dessa rede de parceria local contribuiu para o crescimento econômico e sociocultural do grupo sendo possível a criação de um centro cultural, a partir da reforma de um velho casarão a beira mar de Ponta de Pedras, onde vários grupos produtivos agora estão sediados. A construção do Centro de Artesanato José Romualdo Maranhão materializa em

pedra e cal a capacidade do grupo de dialogar junto a outros parceiros, como a Prefeitura de Goiana, conquistando espaços físicos e políticos.



Figura 8. Área externa do Centro José Romualdo Maranhão no dia da inauguração. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2008.

Recentemente, a rede de parceiros e atores envolvidos foi ampliada com a participação de membros da comunidade vizinha de São Lourenço e de organizações sociais, como a Sociedade de Amigos de Ponta de Pedras; e foi conquistado mais um espaço para comercialização no Mercado Municipal de Ponta de Pedras.



Figura 9. Espaço de comercialização no Mercado Municipal de Ponta de Pedras. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2011.

Fazer Manual em Transformação: materiais e processos

Com o passar do tempo, além da cana-brava, outras matérias-primas foram incorporadas à produção. Inicialmente, aos artefatos em fibra foram adicionados componentes em madeira, no entanto, o alto custo e a dificuldade de viabilizar a qualidade de acabamento provocaram o

grupo a buscar alternativas. A substituição da madeira pela utilização do metacarpo do corpo¹⁰, não só solucionou esse problema, como abriu uma nova frente para o desenvolvimento de artefatos.

A partir de 2007, com a necessidade de manter no portfólio da comunidade produtos competitivos e com maior valor agregado, foi formado um novo grupo e treinado para beneficiar o matacarpo do coco – ou ,como são comumente conhecidas, as “quengas” de coco encontradas em abundância na praia. Com o coco também foram desenvolvidos colares, apresentados na IX Feira Nacional do Artesanato - Fenearte, em julho de 2008, com grande aceitação no mercado local e nacional.

Para estimular a participação de outros membros da comunidade ao grupo e diversificar matérias-primas e produtos, foi incorporada à produção a utilização de tecidos. Inicialmente, os tecidos utilizados nas cestas eram coloridos, porém lisos, ou eram comprados já estampados. Em 2007, o Imaginário tomou a iniciativa de mobilizar um novo grupo e capacitá-los para a impressão artesanal em serigrafia, possibilitando assim a impressão de estampas exclusivas para os produtos da cestaria.

O desenvolvimento das estampas foi novamente mais um argumento para a criação compartilhada. A adaptação da pesquisa desenvolvida por Lucrecia Ferrara e descrita no livro *Olhar Periférico*¹¹ foi utilizada como um método para aguçar o “olhar atento” sobre a própria realidade. As imagens registradas por meio de fotografias feitas pelos artesãos foram o material de base para a criação das novas estampas. Os resultados apontaram a validade do processo: os artesãos se reconheceram no design das novas estampas e o mercado consumidor percebeu a inovação e originalidade agregados aos novos produtos.



Figura 10. Produtos: cesta com tecido, cesta com componentes em coco e colar. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2011.

¹⁰ O metacarpo do coco é a sua casca interna rígida.

¹¹ Ver FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Olhar periférico**: informação, linguagem, percepção ambiental. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

As transformações no modo de fazer e interagir com as matérias-primas ainda continuam em atividade. A confecção do papel, a partir do resíduo da cana-brava gerado durante a etapa de beneficiamento da fibra, demandou estudos para estabelecer o processo mais adequado para composição da massa. Dessa forma, foi criado o "Mata-Vida", projeto que reforçou a atenção com o meio ambiente, uma vez que, além do resíduo da cana-brava, utiliza restos de papel e papelão e, com a ajuda de arte educadores e jovens da comunidade, produzem objetos de decoração e adereços. O Centro Cultural José Romualdo Maranhão abriga os dois projetos que atuam colaborativamente, compartilhando trabalho e oportunidades.

As experiências vivenciadas pela equipe Imaginário junto às comunidades produtoras de artesanato, tomando como exemplo o grupo Cestaria Cana-Brava, indicam que as interações em processos de mudança, seja em relação à configuração do objeto, ao processo produtivo ou ao uso de matéria-prima, acontecem quando há respeito às diferenças, valorização das experiências individuais e coletivas e a percepção de benefício. Essa constatação nos leva a lançar mão, cada vez mais, de situações concretas e dados objetivos como argumentos à valorização dos produtos e conseqüentemente a agregação de valor ao artesanato, necessário para aumento da geração de renda, o surgimento de jovens artesãos e a inclusão social dessas comunidades.

Principais Conclusões: compartilhando experiências

Os modos de atuar junto às comunidades produtoras de artesanato, em geral, priorizam o *design* e/ou mercado, mas a experiência tem demonstrado que embora sejam importantes, não são suficientes para garantir mudanças mais consistentes na condição de vida daquelas comunidades. Criar projetos coletivos, compreender os modos de fazer, os aspectos sociais que permeiam as relações em grupo, investir em tecnologias que permitam um uso mais sustentável dos recursos naturais são fundamentais para apoiar a relação *design*/artesanato.

O aprendizado resultante dessas experiências aponta que é possível incorporar as contribuições do *design* e dos processos de criação, desde que sejam observados os tempos e os movimentos da vida da comunidade artesã. O que só é possível quando existe a compreensão de que a sustentabilidade desse tipo de ação está na democratização do conhecimento e na interação entre os saberes acadêmico e popular. Os artesãos são agentes munidos de informação e o *design* é ferramenta e metodologia para nortear a ação.

Em relação ao grupo Artesanato Cana-Brava, a construção da parceria com poderes locais exigiu muita insistência e persistência, e só foi possível, graças ao empoderamento do grupo sobre o seu próprio fazer e organizar. O sentimento coletivo e o valor do grupo se manifestam de várias maneiras. Na produção, por exemplo, é visível a preocupação em partilhar as tarefas de tal modo que todos possam ser remunerados. Aqueles menos habilidosos recebem a ajuda

para garantir a entrega dos produtos com qualidade e nos prazos acordados. A incorporação de novos artesãos provenientes de outros grupos para compartilhar espaços de comercialização é outro indicativo do princípio de cooperação. A parceria do Artesato Cana-Brava com artesãs de Nazaré da Mata permitiu que estas compartilhassem o espaço do Centro Cultural José Romualdo Maranhão no verão quando a praia recebe veranistas pernambucanos e de Estados vizinhos. Mais recentemente o *stand* do grupo Artesanato Cana Brava na última Feneart abrigou produtos feitos com cascas de mariscos dos Quilombolas de São Lourenço e produtos feitos com papel reciclado dos jovens do projeto Mata-Vida. A cooperação não se dá apenas no compartilhamento do processo criativo, mas de trabalho e espaços e, principalmente, nas experiências de relacionamento com clientes e com o mercado de maneira em geral.

É também importante compreender que os resultados levam tempo, pois implicam em transformações culturais e sociais. Hoje, o grupo Cestaria Cana-Brava é reconhecido no local, no Estado e nacionalmente. Recebeu o prêmio SEBRAE TOP 100 em 2009 que o classificou entre as 10 melhores experiências no Brasil.



Figura 11. Prêmio Top 100 Sebrae – 2009 e Estande na XI FENEARTE - 2011. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2011.

Uma linha do tempo apontando as principais transformações vivenciadas pelo grupo artesão Cestaria Cana-Brava permite visualizar por meio de materialidades e fatos, os efeitos obtidos pelo processo de criação compartilhado e modelo de atuação transdisciplinar que nortearam essa relação entre *design* e artesanato.

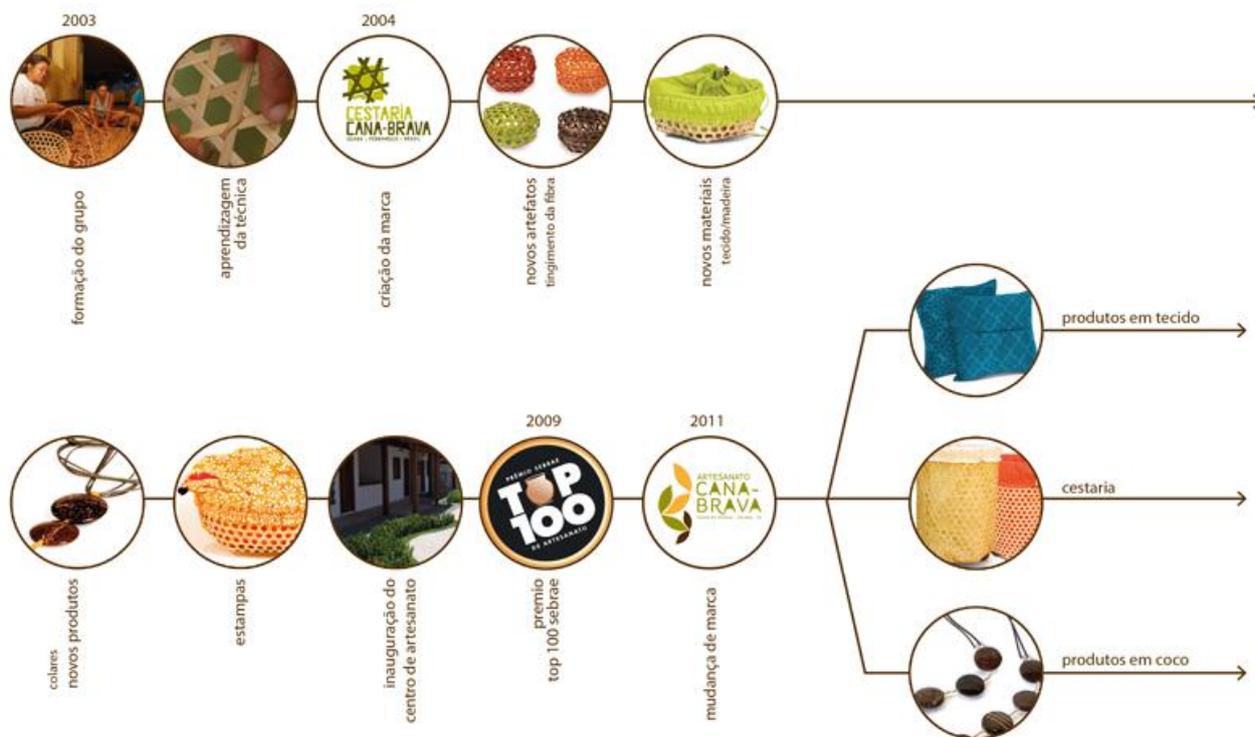


Figura 12. Linha do tempo Cestaria Cana-Brava. Fonte: arquivo do Laboratório O Imaginário, 2011.

Referências

ANDRADE, A. M. Q. et al. (Coord.). **Imaginário Pernambucano**: design, cultura, inclusão social e desenvolvimento sustentável. Recife: Zoludesign, 2006.

GULLAR, F. **Artesanato no Brasil**. São Paulo: Reflexo, 2000.

ICSID - International Council of Societies of Industrial Design. 2007. Disponível em: <<http://www.icsid.org/about/about/articles31.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2007.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H. "Multidisciplinaridade" (verbetes). In: **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002.

ROCHA FILHO, J. B. **Transdisciplinaridade**: a natureza íntima da educação científica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

SEBRAE. **Termo de referência para o comércio justo**. Coordenação técnica Jorge Rincón, Juarez De Paula, Louise Alves Machado, Alzira Vieira. Brasília: SEBRAE, 2005, p. 18.

TABOSA, T. et al. Redes sociais, dívida e cooperação na intervenção social transformadora: o caso do Projeto Imaginário Pernambucano - Brasil. In: X Fórum de Administração – FIA, IV Congresso Mundial de Administração. Coimbra: **Anais...** Coimbra: [s.n.], 2007.